

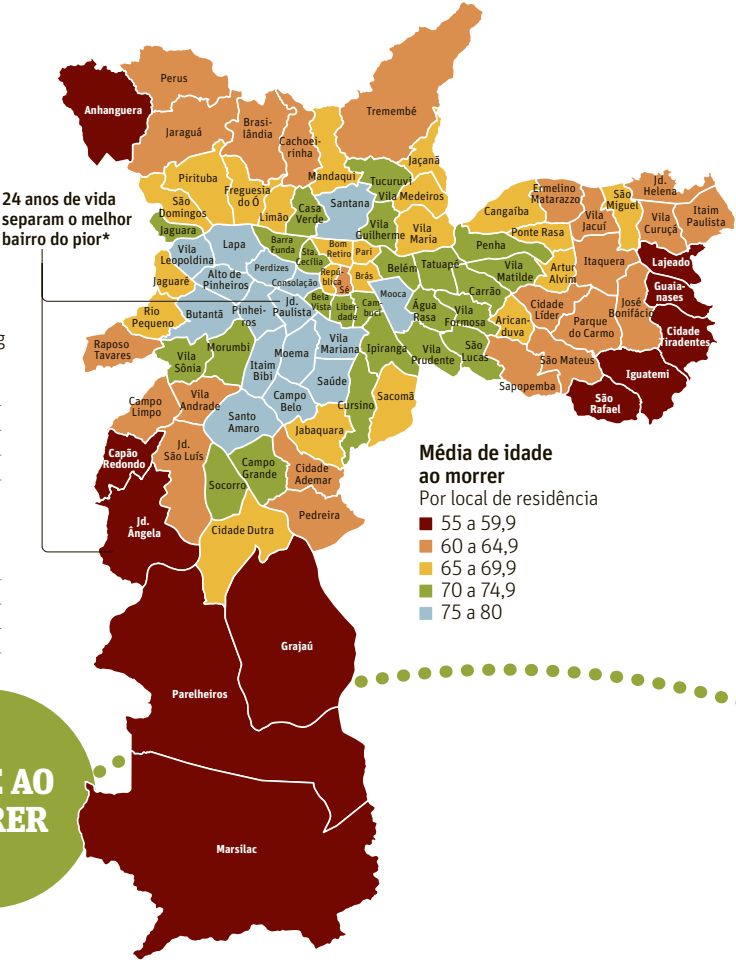
SÃO PAULO DESIGUAL
Estudo mostra disparidades entre os 96 distritos da capital em áreas como saúde, cultura e violência

IDADE MÉDIA AO MORRER

Os melhores	Idade média (2016)	Varição no ranking (desde 2015)
1. Jardim Paulista	79,4	⬆
2. Moema	79,2	⬆
3. Consolação	78,9	⬆
4. Pinheiros	78,7	⬇
5. Itaim Bibi	78,6	⬆
Os piores		
96. Jardim Ângela	55,7	⬇
95. Anhanguera	56,4	=
94. Cidade Tiradentes	57,3	⬆
93. Lajeado	58,1	⬇
92. Grajaú	58,2	⬆

*Por local de residência

- ⬆ Melhorou
- ⬇ Piorou
- = Não mudou



HOMICÍDIOS DE JOVENS DE 15 A 29 ANOS

Taxa é maior em distritos onde pessoas morrem 'mais cedo'

Os melhores*	Taxa de homicídio juvenil por 100 mil hab. (2015)	
Jardim Paulista	0	} Bairros entre os 30 melhores índices de idade ao morrer (2016)
Moema	0	
Consolação	0	
Itaim Bibi	0	
Perdizes	0	
Mooca	0	
Lapa	0	} Bairros entre os 30 piores índices de idade ao morrer (2016)
Bela Vista	0	
Vila Guilherme	0	
Socorro	0	
Os piores		
Brás	133,45	
Limão	80,85	
Lajeado	80,29	
Vila Jacuí	76,5	
Brasilândia	74,75	
Guaianases	74,59	
Jardim São Luís	74,51	
Jardim Ângela	74,09	
Cidade Tiradentes	70,62	
Jaguara	70,5	

*Vila Leopoldina, Jaguaré, Barra Funda e Marsilac também têm taxa zero

Homicídio de jovens reduz ‘tempo de vida’ nos bairros

Em SP, morador dos Jardins morre em média aos 79 anos; o do Jd. Ângela, aos 56

Pesquisa mediu as desigualdades entre os 96 distritos da capital paulista em áreas como saúde e violência

JÚLIA BARBON
DE SÃO PAULO

Um jovem de 15 a 29 anos tem 16,6 vezes mais chances de ser morto no Brás, distrito do centro de SP, do que na Vila Matilde, na zona leste. Neste último, a taxa de homicídios juvenil é de 8,03 por 100 mil habitantes, enquanto no bairro central ela é de 133,45. Só 14 regiões da cidade têm taxa igual a zero, como Itaim Bibi, Moema, Lapa, Vila Guilherme, Marsilac e Consolação. Os dados são de 2015. Esse é um dos índices que mais influenciam a média de

idade ao morrer em cada região. Na Vila Matilde, essa média é de 70,8 anos; no Brás, cai para 66,6 anos. As diferenças gritantes entre os bairros paulistanos estão no Mapa da Desigualdade 2017, estudo lançado nesta terça (24) pela Rede Nossa São Paulo, organização da sociedade civil. A maioria dos dados é de 2016 e foi fornecida por órgãos municipais. O levantamento mede a desigualdade no acesso a serviços públicos e qualidade de vida entre os 96 distritos da cidade, por meio de 38 indicadores de diversas áreas, como cultura, saúde e violência. Embora possa haver uma distorção por causa da população flutuante no Brás (com poucos moradores), para Américo Sampaio, gestor de projetos da Rede Nossa SP, faz sentido que o distrito seja o pior nas taxas de violência. “O Brás é a periferia do centro. É uma região bastante perigosa e com grande déficit de serviços públicos. Tem muitos cortiços e favelas próximas, além da questão da migração”, afirma. No índice de idade ao mor-

rer, o pior é o Jardim Ângela, bairro periférico da zona sul (com a 8ª maior taxa de homicídio juvenil), e o melhor é o Jardim Paulista, região nobre na zona oeste (com taxa zero de assassinato de jovens). Os habitantes do distrito mais rico morrem em média com 79,4 anos, enquanto no distrito mais pobre esse número despenca para 55,7 anos —uma diferença de 24 anos. Para se ter uma ideia, a melhor taxa da cidade é comparável à expectativa de vida da Dinamarca, e a pior, à da Nigéria, que tem um dos indicadores mais baixos do mundo, segundo a CIA (agência de inteligência americana) —embora a metodologia para calcular a expectativa de vida seja diferente da usada em SP. “Se fossem três ou cinco anos de vida, até seria uma variação normal, mas 24 anos não é uma diferença aceitável. É uma geração inteira”, diz Sampaio, que acompanha a realização do levantamento anualmente desde 2012. Segundo o estudo, esse indicador também tem relação com fatores como taxa de homicídios em geral, mortalida-

de infantil e óbitos por câncer. “Um dos grandes achados da pesquisa é mostrar que, quanto mais acesso à cidade, mais as pessoas vivem. Isso reforça a importância dos governos e políticas públicas.” O abismo que separa os bairros ricos dos pobres variou pouco desde o ano passado, quando o indicador de idade ao morrer foi medido pela primeira vez. “Tem um movimento que é a perpetuação da desigualdade, você só está trocando os distritos pobres e ricos, mas a desigualdade é a mesma”, afirma Sampaio. O maior objetivo do levantamento, diz ele, é mostrar que, apesar de ser a cidade mais rica da América Latina, São Paulo é extremamente desigual. “Mesmo tendo essa riqueza, ela não consegue distribuí-la igualmente para os seus moradores.”

OS PIORES
Segundo o estudo

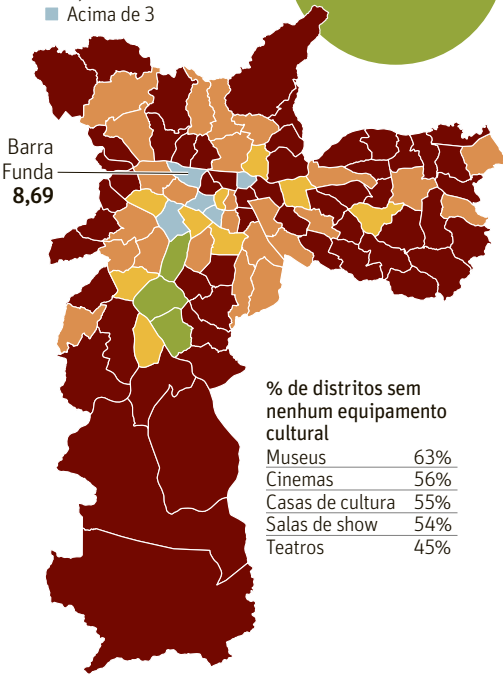
Número de vezes que o bairro aparece entre os 30 piores nos 38 indicadores

Brás	23
Marsilac	23
São Rafael	23
Cidade Ademar	22
Campo Belo	20
Tremembé	20
Brasilândia	19
Grajaú	19
Sé	19
Vila Jacuí	19

MAIS DA METADE NÃO TEM ESPAÇOS CULTURAIS

Salas de cinema (municipais, estaduais, federais e particulares) por 10 mil hab.

- Nenhuma
- 0,01 a 1
- 1,01 a 2
- 2,01 a 3
- Acima de 3



% de distritos sem nenhum equipamento cultural	
Museus	63%
Cinemas	56%
Casas de cultura	55%
Salas de show	54%
Teatros	45%

CULTURA É O TEMA COM MAIOR DESIGUALDADE

Índice considera a relação entre o melhor distrito da cidade e o pior, em cada indicador

Os 10 índices com maior desigualdade

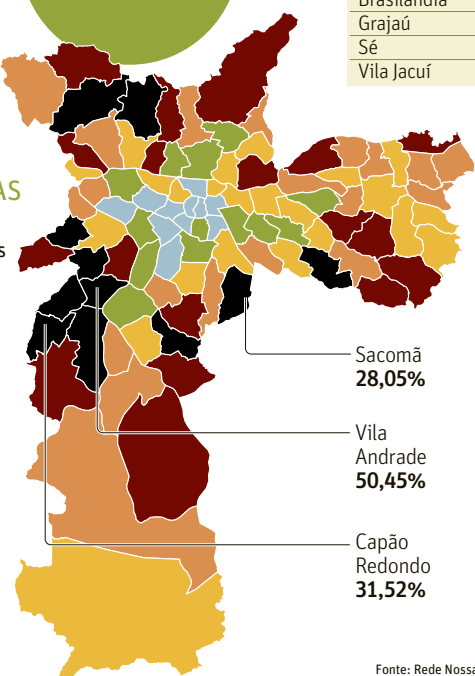
Livros infanto-juvenis	2.575,25
Livros para adultos	1.634,06
Leitos hospitalares	1.121,96
Favelas	621,01
Salas de show	253,15
Cinemas	243,77
Teatros	167,56
Museus	139,23
Casas de cultura	116,1
Atendimento em creches municipais	85,22

FAVELAS

SÓ 11 BAIRROS NÃO TÊM FAVELAS

- % de domicílios que ficam em comunidades
- 0%
- 0,01 a 1%
- 1,01 a 5%
- 5,01 a 10%
- 10,01 a 20%
- Acima de 20%

Alto de Pinheiros
Bela Vista
Bom Retiro
Brás
Cambuci
Consolação
Jardim Paulista
Moema
Perdizes
República
Sé



Fonte: Rede Nossa São Paulo